

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



# TEXTOS DE IMPRENSA

|

(da *Gazeta de Portugal*)

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Frontispício de *Gazeta de Portugal*.



EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS  
Textos de Imprensa

Textos de Imprensa. I  
(da *Gazeta de Portugal*)

Edição de  
Carlos Reis  
e Ana Teresa Peixinho

Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
2004

## *Nota prefacial*

O presente volume da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós constitui um testemunho mais da relevância que na obra queirosiana é assumida pelos textos de imprensa: é precisamente nesse âmbito que se insere esta colectânea, de acordo com o critério organizativo que preside a este projecto.

Trata-se, neste caso, de recuperar, em obediência aos princípios metodológicos por que se rege esta edição crítica, os primeiros escritos de Eça de Queirós. Provindos de um tempo de juvenil e ousada formação literária, eles valem, de certa forma, como exercícios de aprendizagem, revelando, ao mesmo tempo, leituras de juventude, bem como uma atitude mental de clara modelação romântica. Publicados em duas etapas, nos anos de 1866 e 1867, os folhetins da *Gazeta de Portugal* podem ser encarados, em conjunto, como um marco fundador, remetendo difusamente para processos criativos que o tempo haveria de maturar, tal como aconteceu com a transbordante e irreprimível vocação para a inovação estilística, profusamente ilustrada já nestas prosas de juventude.

Também porque vêm de um tempo remoto e ainda incipiente, os folhetins da *Gazeta de Portugal* apresentam considerável diversidade, em termos de género, se é que não mesmo, nalguns casos, insuperáveis dificuldades, quando buscamos enquadrá-los num modelo genológico definido. Essas dificuldades decorrem não apenas da matriz romântica que condiciona este Eça — matriz consabidamente adversa a normas de género rígidas —, mas também da natural imaturidade técnica de um jovem com pouco mais de vinte anos.

A fluidez genológica dos textos publicados na *Gazeta de Portugal* legitima a opção editorial que desde início foi perfilhada no plano geral desta edição crítica, opção aliás já adoptada por outras

edições recentes da obra queirosiana. Assim, o que aqui se encontra são aqueles textos em que reconhecemos uma feição genericamente ensaística — de crítica, de reflexão doutrinária, de pura divagação estética, etc. —, textos distintos daqueles que, por evidenciarem uma dinâmica narrativa muito clara, são integrados no volume de *Contos I*, isto é, os contos não-póstumos. Remanesce do conjunto apenas uma carta que será integrada em volume próprio, juntamente com outras cartas públicas. Legitima-se esta rearrumação também pelo facto de Eça não ter chegado a publicar em volume o conjunto das prosas insertas na *Gazeta de Portugal*, o que remete estes textos para o vastíssimo conjunto de escritos (sobretudo aparecidos na imprensa) que em vida do autor não chegaram a ser reunidos em livro.

Desnecessário é dizer que esta é a oportunidade privilegiada para se repararem as inúmeras omissões e erros editoriais cometidos desde que, em 1903, Luís de Magalhães salvou do esquecimento os singulares textos que deram então lugar ao volume *Prosas Bárbaras*: começaram logo aí essas omissões e erros, repetidos e mesmo agravados por edições que raramente se deram ao trabalho de recorrer à leitura e transcrição dos folhetins queirosianos da *Gazeta de Portugal*.

De novo se regista o apoio concedido pelo Ministério da Cultura aos trabalhos conducentes a esta edição crítica; e mais uma vez se realça, com o devido reconhecimento, a continuidade editorial que a este projecto tem sido assegurada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

CARLOS REIS

# Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	15
1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	15
2. A COLABORAÇÃO NA <i>GAZETA DE PORTUGAL</i>	17
3. HISTÓRIA DOS TEXTOS: O CONTEXTO LITERÁRIO E A APRENDIZAGEM DA ESCRITA	22
4. O EXERCÍCIO DA ESCRITA NARRATIVA	31
5. HISTÓRIA DOS TEXTOS: DA <i>GAZETA DE PORTUGAL</i> ÀS <i>PROSAS BÁRBARAS</i>	45
6. CRITÉRIOS EDITORIAIS	49
TEXTO CRÍTICO	53
1. NOTAS MARGINAIS	55
2. SINFONIA DE ABERTURA	65
3. O MACBETH	75
4. POETAS DO MAL	85
5. A LADAINHA DA DOR	91
6. OS MORTOS	103
7. AO ACASO	109
8. O MIANTONOMAH	115
9. MISTICISMO HUMORÍSTICO	123
10. LISBOA	129
11. DA PINTURA EM PORTUGAL	139
12. O LUME	149
13. MEFISTÓFELES	155
APÊNDICE	163
JAIME BATALHA REIS, «NA PRIMEIRA FASE DA VIDA LITERÁRIA DE EÇA DE QUEIRÓS»	165
<i>Notas biobibliográficas</i>	199

# INTRODUÇÃO

## 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Quando, a 23 de Março de 1866, apareceu num jornal de Lisboa um texto intitulado «Notas Marginais», o leitor desse jornal — que era a *Gazeta de Portugal* — estaria longe de supor que essa prosa um tanto inusitada inaugurava um dos mais fecundos, marcantes e consequentes trajectos literários da nossa história cultural. O jovem que assinava o texto tinha 20 anos e era ainda estudante em Coimbra, José Maria Eça de Queirós de seu nome completo. A essas «Notas Marginais» outros textos se seguiram, textos tão inusitados como este e também desiguais entre si, conforme veremos.

Corresponde a uma parte da participação queirosiana na *Gazeta de Portugal* o presente volume da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. O que agora se recolhe são textos de imprensa, designação que, no plano da Edição Crítica, não se refere apenas ao local de publicação (jornais e revistas), mas sobretudo a uma certa conformação discursiva, que é precisamente a que em parte caracteriza já o conjunto que aqui se encontra. Noutros termos: ao longo da sua vida, Eça publicou inúmeros textos em jornais e revistas de Portugal e do Brasil, não se limitando, porém, a cultivar os protocolos enunciativos do discurso de imprensa propriamente dito, seja ele o que se revê na crónica, na reportagem ou até mesmo no ensaio; vários outros géneros discursivos (o romance, o conto, a carta, a biografia), incluindo-se neles géneros ficcionais e propriamente literários, viram a luz da publicidade na imprensa, numa altura em



que os mais prestigiados escritores encontravam nas publicações periódicas um espaço privilegiado de contacto com os seus leitores.

Sintomaticamente, é na imprensa que o jovem Eça se inicia como escritor, justamente com estes folhetins da *Gazeta de Portugal*. Mais: os primeiros anos da vida literária de Eça (*grosso modo*, de 1866 a 1871) são anos de intensa e diversificada actividade jornalística, com destaque para a experiência do *Distrito de Évora*, experiência breve no tempo (de Janeiro a Julho de 1867), mas extremamente prolífica e riquíssima de aprendizagens várias<sup>1</sup>. É também alguma coisa dessa aprendizagem que aqui se encontra, curiosamente antes ainda de a escrita queirosiana ganhar o impulso narrativo que há-de conduzir o autor à composição dos mais talentosos e fascinantes romances e contos da nossa história literária.

Deste modo, os textos de imprensa de que neste momento se trata não são aqueles em que se manifestam já as marcas de uma narratividade evidente, fazendo deles verdadeiros contos ou, antes disso, pequenos relatos de feição embrionária: é o caso, por exemplo, de textos como os que se encontram no conjunto «Farsas» ou o conto de «As Misérias: I. Entre a Neve». Respeitando-se esse estatuto genológico, esses e outros relatos estariam deslocados neste conjunto, devendo, por isso, integrar o volume de *Contos I* desta Edição Crítica. Que a atitude usual dos editores de Eça tenha sido a de não respeitarem este critério é questão que deixamos para outro momento desta introdução, quando fizermos a análise das mais significativas colectâneas de *Prosas Bárbaras*, título adoptado desde a edição de Luís de Magalhães, em 1903.

Não são exactamente de índole narrativa os primeiros textos que Eça publica na *Gazeta de Portugal*, no período que vai de 23 de Março a 4 de Novembro de 1866<sup>2</sup>. As já mencionadas «Notas

<sup>1</sup> Sobre esta etapa formativa de Eça e sobre o referido processo de aprendizagem, cf. Carlos Reis, «Eça de Queirós e a aprendizagem da escrita ficcional», in *Convergência Lusíada*, 13, 1996, pp. 34-42.

<sup>2</sup> Como sempre acontece em considerações desta natureza, são preciosas as informações facultadas por Guerra da Cal (cf. *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apéndice. Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975, tomo 1, pp. 141 e segs., de agora em diante referida apenas como *Bibliografía Queirociana*).

Marginais», «Sinfonia de Abertura», «O Macbeth», «Poetas do Mal», «A Ladainha da Dor» ou «Os Mortos» são textos de indefinida ou muito difícil caracterização genológica, oscilando entre o ensaio, o diálogo, a crítica literária e mesmo a poesia em prosa. Pode até dizer-se que, deixando agora de lado os textos narrativos a que já se fez rápida menção, só «Uma Carta. — A Carlos Mayer» apresenta contornos de género relativamente precisos: com essa carta inaugura Eça a vocação para a epistolografia que, tanto em contexto ficcional como em âmbito não-ficcional, deu lugar a textos epistolares extremamente sugestivos. É por isso que, no plano da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, está prevista uma secção de epistolografia, recolhendo-se num dos seus volumes essa carta de um jovem de 22 anos, que nela ensaiava (um tanto paradoxalmente, para a idade em que isso se fazia) um certo tom autobiográfico, que depois raramente viria a privilegiar.

A relativa estranheza que tudo isto podia causar (e causou mesmo) era bem justificada e decorria da singularidade de temas e de registos estilísticos que nestes textos se encontram. Mas para além da sua configuração genológica (ou da ausência dessa marcação), já por si surpreendente, torna-se necessário considerar dois factores decisivos da atitude literária francamente inovadora que era a de Eça: a juventude do autor e os seus dominantes vínculos estéticos.

## 2. A COLABORAÇÃO NA *GAZETA DE PORTUGAL*

Antes, porém, de nos determos nesses factores constitutivos, importa lançarmos um breve olhar sobre a publicação que acolheu esta aventura de iniciação do jovem Eça. Esse olhar permitirá ainda fundamentar a opção de recolha de textos, aceitando como critério organizativo o lugar (e também, de certa forma, o tempo) de aparecimento dos textos não ficcionais que Eça espalhou pela imprensa do seu tempo.

Com efeito, não é indiferente para o escritor o local de publicação de textos periodísticos. E não pode sê-lo exactamente porque um certo jornal, uma certa revista ou até a particular motivação que induz a escrita para a imprensa projectam sobre o escritor factores de condicionamento dessa escrita: a periódica regularidade da colabo-

ração ou, pelo contrário, o seu carácter simplesmente avulso geram atitudes enunciativas distintas e específicas; a natureza do jornal ou da revista e o público que lhe é usual interferem igualmente na escolha do tema, no tom estilístico adoptado e na extensão do texto; o lugar geográfico dessa publicação pode ser (e normalmente é) determinante, pois que será sempre diferente escrever de Inglaterra para leitores portugueses, como aconteceu com os textos queirosianos mandados para *A Actualidade*, de Paris para um jornal do Rio de Janeiro, como foi o caso da *Gazeta de Notícias*<sup>3</sup>, ou em Lisboa para o leitor lisboeta, como ocorreu com a *Gazeta de Portugal*.

Por outro lado, não devemos ignorar o tipo de motivação que impulsiona a escrita de imprensa por parte de um escritor que é antes de tudo ficcionista literário, ou seja, alguém para quem essa escrita de imprensa normalmente constitui uma actividade ancilar, não raro com compensação económica. O que não implica necessariamente uma atitude de descaso ou de improvisação: na *Revista de Portugal*, que fundou e dirigiu, Eça de Queirós investiu um empenhamento que é conhecido e atestado pela qualidade dos textos de sua autoria<sup>4</sup>, sendo certo e sabido que o caso em apreço corresponde a um projecto de revista cultural com responsabilidades e projecção específicas. Mas se é assim, também é verdade que, noutros casos, Eça não se coibiu de escrever para jornais por razões de primordial interesse económico: é conhecido (e não muito generoso) o conceito em que o escritor tinha os seus leitores brasileiros, conceito inequívoco quando se expressa (*et pour cause*) numa carta particular a Batalha Reis, de 6 de Julho de 1892. Nela, Eça pede colaboração para a *Gazeta de Notícias*, sob a forma de «noções fundamentais de ciência [para os] caixeiros do Rio», acrescentando ainda: «Tudo isso são *intrujices literárias* — mas convêm, agradam, são fácilimas de fabricar»<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Veja-se a edição crítica dos *Textos de Imprensa IV. Da Gazeta de Notícias* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002), por Elza Miné e Neuma Cavalcante.

<sup>4</sup> Veja-se a edição crítica dos *Textos de Imprensa VI. Da Revista de Portugal* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995), por Maria Helena Santana.

<sup>5</sup> Citado por Elza Miné, *Páginas Flutuantes. Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2000, p. 67.